



LITERATURA TRANSGRESSORA EM SILVIANO SANTIAGO: UM OLHAR DA CRÍTICA BIOGRÁFICA-FRONTEIRIÇA

Dênis Angelo Ferraz¹
Edgar César Nolasco²

Resumo: Com este trabalho busca-se evidenciar uma leitura crítico-biográfica fronteira na ficção romanesca de Silviano Santiago elegendo como norteadora sua ficção *Em liberdade* (1981) observando nesta obra características existentes tanto em suas composições ficcionais quanto teóricas que ensejamos para a compreensão da natureza transgressora em alguns escritores na literatura latino-americana, que é evocada por Santiago, sobretudo em sua conceituação do entre-lugar do discurso latino americano que já aponta para uma abertura a um debate pós-colonial podendo se relacionar com a desobediência epistêmica de Walter Mignolo. Deprendendo-se a uma maior reflexão, tal qual intentamos, quanto a feição de sua produção e a maneira como se alicerça o seu ser escritor por meio de seu *bios* professoral, fazendo uso de todo o cabedal teórico em suas composições ficcionais. Influídos ainda por entrever que frente a esta obra, ainda é módico o estudo acerca do autor mineiro, elegeram-se para este intento a perspectiva ficcional de Santiago. Para isso, optou-se pela utilização do recorte epistemológico engendrado pela Crítica biográfica fronteira à luz de Edgar César Nolasco em *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2014) e “Crítica biográfica fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia)” (2015), de Eneida Maria de Souza em *Janelas indiscretas* (2011) e *Crítica cult* (2002) e Walter Mignolo na obra *Histórias locais/projetos globais* (2003).

Palavras-chave: Silviano Santiago. *Em liberdade*. Crítica biográfica fronteira. Desobediência epistêmica.

TRANSGRESSOR LITERATURE IN SILVANO SANTIAGO: A LOOK AT BORDER-BIOGRAPHICAL CRITICISM

Abstract: *With this work it is sought to highlight a critical-biographical border reading in Silviano Santiago's novel fiction, guiding his fiction Em liberdade (1981) observing in this work characteristics existing in both fictional and theoretical compositions that we want to understand the transgressive nature of some writers in the Latin American literature, which is evoked by Santiago, especially in his conceptualization of the interplace of the Latin American discourse that already points to an openness to a postcolonial debate that may relate with Walter Mignolo's epistemic disobedience. Assuming a more all-embracing reflection, as we intend, as to the form of its production and how it is based its being writer through its professorial bios, making use of all the competency in his fictional compositions. Furthermore, influenced by seeing that in the foreground of this work, the study about the author from Minas Gerais still retaining limited, it was*

1 Bacharel em Ciências Sociais - CCHS/UFMS. Graduando em Letras - Port./Esp. -FAALC/UFMS. (PIVIC). Membro do NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados), UFMS. ORCID: 0000-0001-9130-754X. E-mail: denisferraz_une@hotmail.com.

2 Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da UFMS. ORCID: 0000-0002-8180-585X. E-mail: ecnolasco@uol.com.br.

appointed, for this purpose, Santiago's fictional perspective. For this, we arranged to use the epistemological segment engendered by the border biographical criticism in light of Edgar Cezar Nolasco in Perto do coração selvagem da crítica fronteriza (2014) and "Crítica biográfica fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia" (2015), by Eneida Maria de Souza in Janelas indiscretas (2011) and Crítica cult (2002) and Walter Mignolo in Histórias locais/projetos globais (2003).

Keywords: *Silviano Santiago. Em liberdade. border biographical criticism. Epistemic disobedience.*

Introdução

Em tempos difíceis como o nosso, sem revolução, mas não sem esperanças, em que o cinismo e ceticismo aparecem como estratégias imobilizadoras disfarçadas de atitudes críticas, ler Silviano Santiago continua sendo uma referência para realizar uma política do fragmento e da diversidade. (LOPES. No coração do mundo, p. 29)

Nosso foco nesse momento será buscar uma reflexão com base na leitura de obras do escritor mineiro Silviano Santiago, especialmente em sua ficção: *Em liberdade* (1981). O intento desta pesquisa tem como ponto de partida o estudo da autoria, com a realização do trabalho na disciplina de Teoria da Literatura II, do Curso de Letras da UFMS, ministrada no segundo semestre de 2017, sob a orientação do Prof. Dr. Edgar César Nolasco. A pesquisa apontava formas autorais contemporâneas, dando destaque para Silviano Santiago, como exemplo deste debate conceitual, por meio de seu livro *Em Liberdade* (1981). Este trabalho foi motivador a empreender nesse intento e desta forma deu início a pesquisa aqui pormenorizada.

A partir das reflexões aferidas, é possível perceber, segundo o recorte epistemológico crítico biográfico fronteiro (NOLASCO, 2013), o caráter transfronteiro de Silviano Santiago, seja no que concerne à esfera crítica ou, sobretudo, à ficcional. O escritor mineiro 'joga' com o gênero ficcional, dilui as fronteiras tradicionalmente conhecidas, "se apropria da obra de Graciliano Ramos na composição de *Em liberdade* por meio do recurso do pastiche" (MIRANDA, 1992), aquilata sua literatura em uma percepção altamente ficcional na medida em que se vale de elementos da própria vida "metaforizados e inseridos no universo discursivo que o escritor engendra em seu labor literário" (KLINGER, 2012).

Em uma perspectiva específica, nos propusemos a (re)ler a obra supracitada à luz de outros conceitos que concernem à crítica do *bios*. Para tal, nos pautamos na

teorização Crítica biográfica fronteiriça cunhada pelo intelectual Edgar Cézar Nolasco vislumbrando o alcance de estudos mais amplos sobre a relação entre obra e vida de Silviano Santiago. Observando sua produção bibliográfica, atentamos para a literatura transgressora avocada pelo mesmo, sobretudo em sua conceituação do entre-lugar do discurso latino americano, de caráter pós-colonial, e sua relação com desobediência epistêmica de Walter Mignolo.

1. *Em liberdade* uma ficção de Gracil(v)iano³

Em liberdade (1981) é realmente exercício meu de reconstrução (em diferença) da vida e da escrita de Graciliano Ramos. Assumo respeitosamente o 'eu' dele como sendo meu eu. Eu narro o romance na primeira pessoa dele.
(SANTIAGO. O feroz inquieto, 2017)

Em Liberdade (1981) traz a narração, em forma de diário, de fatos vividos por Graciliano Ramos nos dias que sucedem a 13 de janeiro e vão até o dia 26 de março de 2017. Descrevendo de forma minuciosa os acontecimentos e a realidade do espaço e tempo em que o protagonista se encontrava, mais exatamente no Rio de Janeiro, na primeira parte, na Rua Alfredo Chaves – Largo dos Leões na residência do romancista José Lins do Rego. Já na segunda parte na pensão de Dona Elvira, na Rua Correia Dutra – Catete.

A obra citada já chama atenção logo nas primeiras páginas por gerar uma sensação de contradição ao que é lido no subtítulo: “Uma ficção de Silviano Santiago” (SANTIAGO, 2013). Isto porque desde a nota do editor, que introduz o romance, o autor já deixa claro em sua narrativa que os fatos que se desenvolvem nesta trama são os acontecimentos vividos pelo escritor Graciliano Ramos, mas exatamente nos dias que sucedem a 13 de janeiro de 1937, data em que o protagonista recebe a liberdade, após viver 10 meses e 10 dias na prisão, seu enredo se pauta em fatos históricos verídicos (O protagonista foi preso em 1936).

Passando por humilhações em vários presídios diferentes, sendo solto somente em 1937. Usando também a semelhança da narrativa, o autor faz com que o leitor tenha a nítida impressão de que se trata mesmo da leitura do diário do escritor de *Vidas secas* (1938). A ficção é notada também na busca de se criar a ilusão da existência do diário

3 BELLEI. "Em Liberdade de Gracil(v)iano: O Triunfo da Ficção". p. 4.

manuscrito de Graciliano Ramos. É descrito que este diário teve seus originais entregues a um suposto amigo, no ano de 1946 pelas próprias mãos do autor de *Memórias do Cárcere* (1953), o mesmo fizera uma observação, de que os mesmos só deveriam ser publicados 25 anos após sua morte.

Ainda segundo o narrador, no ano de 1952, o protagonista escreve a este amigo pedindo que o mesmo queimasse todas as páginas deste diário, não o tornando público. O que evidentemente não se cumpriu. Nota-se durante a narrativa que o uso do personagem real, público e do mundo literário traz um realce ainda maior ao romance, tanto para o desenvolvimento da obra, quanto para crítica seja ela literária ou mesmo política, como é realizada na obra:

O Governo Vargas veio para ficar (as demonstrações de força são inequívocas); aguardemos apenas as definições. Serão cada vez mais claras e autoritárias – não tenho dúvidas; cada vez mais excluirão toda a possibilidade de divergência. Qualquer oposição ficará dentro das cadeias ou do lado de fora do governo. (SANTIAGO. 1994, p. 36).

Assim, o autor lança a crítica, como vemos no trecho, para o protagonista da ficção, mas com dados reais, como no caso do Governo do presidente Getúlio Vargas, com isso ele indiretamente denuncia a forma arbitrária ocorrida historicamente, e que ao mesmo tempo ocorria na época em que Silviano escrevera e publicara a obra. Algo que se destaca na ficção é a questão da temporalidade. O autor introduz tempos históricos distintos em sua narrativa e em momentos fazendo recuos e avanços cronológicos em meio aos dias em que o diário é escrito.

Tomando também o trecho citado acima, fica clara a similaridade dos acontecimentos nos diferentes momentos da história do país. A repressão vivida na década de 70, que fora instalada a partir de 64 com o golpe militar, a todo aquele que se opõe ao governo, crítica que é levantada pelo protagonista do romance. A própria narração inicial onde mostra a arbitrariedade da prisão do protagonista sem uma acusação formal, similar a várias prisões ocorrida na época em que o autor escreve esta obra. Outro recorte significativo que evoca a questão da temporalidade é o momento em que o protagonista ao fazer uma viagem a São Paulo tem um sonho em que ele é o poeta Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), dentro de uma cela em Vila Rica. Assim, ele decide escrever sobre o poeta da Inconfidência mineira:

Busco informações precisas, consulto documentos da época, tomo notas e mais notas. Tudo isso deve servir apenas de pano de fundo, de cenário, para o trabalho da minha imaginação. Esta será a rainha: é ela que deve

descrever o conto, e não os poucos relatos que a biblioteca perpétua. O sonho indicou-me um caminho fértil para o beco sem saída criativo em que me encontrava, e deu-me a chave para a técnica narrativa que devo usar. Tem de haver uma identificação minha com Cláudio, espécie de empatia, que me possibilite escrever a sua vida como se fosse a minha, escrever a minha vida como se fosse a sua. (SANTIAGO, 1994, p. 36).

Silviano Santiago mostra que a pesquisa é importante, mas o papel do autor vai além, a imaginação e a empatia com o protagonista são elementos que devem guiar a sua narrativa. Aqui temos aqui uma similaridade em três períodos diferentes da história, com a prisão e repressão aos inconfidentes, as arbitrariedades no final da década de 30 vividas por Graciliano Ramos, já descritas à cima, e de forma subliminar a repressão dos anos 70, época em Silviano Santiago escreve *Em Liberdade* (1981), “[...] esta reflexão sobre o intelectual em tempos autoritários” (LOPES, 2012). Transgressor, ele subverte as relações entre história e invenção ao compor o seu fictício diário de Graciliano Ramos.

2. Literatura em transgressão: o discurso rebelde e a desobediência epistêmica

Eu narro o romance na primeira pessoa dele. Não é paradoxo, é pastiche. Ultrapasso os limites legais da propriedade alheia (os limites que regulam tanto a trama da vida quanto o estilo literário pessoal). Incorro em evidente transgressão à posse original dos dados biográficos e do estilo Graciliano. Minha originalidade está ao ultrapassar o limite legal, ao assumir o estilo e a vida dele como forma de transgressão ao original. Narrar parte duma vida que ainda não fora narrada.
(SANTIAGO. O feroz inquieto, s/p).

Santiago já apresenta no seu livro *Em liberdade* a característica transgressora que o acompanha durante suas inúmeras publicações posteriores, fruto de uma teorização tão intensa quanto sua produção ficcional, característica que Silviano mantém desde o começo de sua produção literária, e que demonstra quanto sua veia ficcional é atravessada pelo *bios* professoral. Esta transgressão é ponto chave para suas teorizações e por consequência também a sua obra ficcional, por ela o escritor mineiro aponta como escritores brasileiros e de demais países latino-americanos se inscrevem na literatura não apenas replicando conceituações impelidas hegemonicamente por culturas centrais, colocando assim a América Latina e suas características também em evidência. Como numa demonstração de explanação e/ou aplicação prática do que pesquisa e teoriza.

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana. (SANTIAGO, 2000, p. 26).

Silviano evoca em sua publicação: *Uma literatura nos trópicos* de 1978, o caráter transgressor dos teóricos latino americanos, como notamos na citação a cima. Nesta coletânea apresenta o seu já citado conceito do entre-lugar refletindo o papel dos escritores latino americanos que se rebelam ao modelo eurocêntrico e escrevem a partir de suas características e histórias particulares, se inserem desta forma com preocupações advindas de realidades próprias a quais estão condicionados deixando de produzirem somente a partir das contextualizações próprias das culturas hegemônicas. Valorizando assim este lugar a que são originários, estes entre outros pontos e a qual nos é de maior interesse para essa reflexão, apontam para um posicionamento de abertura a um debate pós-colonial como ressalta Denilson Lopes:

Os escritos de Silviano Santiago redimensionam a tradição intelectual brasileira a partir de um ecletismo teórico que incorpora o impacto do pensamento de Derrida, mas também o de Foucault e Deleuze, passando pelo debate sobre pós modernidade até o dialogo fecundo com os estudos culturais. Como estratégia, Silviano Santiago recusa-se a ficar à sombra dos grandes mestres do passado, ser comentador bem comportado, evitando assim canonização deles. Ele desloca o pensamento destes autores para fora de um cânone moderno e os faz vivos, atuantes, políticos. (LOPES, 2012, p. 26).

Esta peculiaridade que os escritos do autor mineiro apresentam a partir de sua conceituação do entre-lugar e que continuam cada vez mais latentes em suas publicações demonstram que para além de bases filosóficas e literárias sua teorização se faz preche de conotações históricas e políticas, trazendo para este lugar relegado, América Latina, uma posição de relevância e de valor cultural, que se fazem notórias em suas publicações, críticas e ficcionais torna-se um traço que os estudos de cunho pós colonial também explorarão, visto que pondo em evidência também o discurso a partir da América Latina no âmbito da literatura mundial reforça e agrega as bases para os estudos pós-coloniais e por consequência serve-se ao recorte epistemológico erigido por Edgar Nolasco, no desenvolvimento de suas pesquisas e estudos culturais, teorizações e escritos ficcionais de base pós-colonial, e são aqui ressaltadas pelo próprio intelectual da fronteira-sul:

O conceito de “entre-lugar”, mais do que um espaço concreto e material, mais do que se prender a um local, apresenta-nos como um conceito epistemológico fronterizo por excelência. Quero entender, considerando o lugar onde erijo minha discussão, que nessa visada de base pós-colonial ele pode contribuir mais com a reflexão crítica feita na zona periférica que assinala o lugar onde o sol se põe (Ocidente). (NOLASCO. 2014, p. 19).

A compreensão do conceito de entre-lugar como aponta este trecho citado contribui para as teorizações da epistemologia fronteiriça e aponta para a confluência entre a teorização dos intelectuais, Santiago e Nolasco. A partir desta reflexão a que o intelectual mineiro conceitua, também se pode inserir o crítico e pesquisador que habita a fronteira e a partir deste lugar próprio fronteiriço em pensa e teoriza, sendo também auspicioso para a busca de compreensão para os empreendimentos da crítica biográfica fronteiriça.

A fronteira-Sul Brasil/Paraguai/Bolívia tem suas questões culturais e políticas bem postas no contexto socioeconômico, político e cultural, apesar de, ao olhar imperial dos centros, continuar na escuridão. Por conseguinte, tal lócus demanda um posicionamento crítico específico para, assim, aferir melhor suas especificidades. Nessa direção, só se é possível pensar e, por extensão, discutir acerca da fronteira-Sul a partir da fronteira-Sul. (NOLASCO. 2015, p. 57).

Sobretudo quando da elaboração de pesquisas e reflexões erigidas por meio do grupo de pesquisa do NECC, Núcleo de Estudos Culturais Comparados. Local este onde o pesquisador professor está inserido e a partir da onde emerge suas teorizações. Este local em que o Nolasco se insere com seu *bios* e seu lócus que configura fator decisivo para que seja erigido seu discurso, que por sua vez se faz prenhe do que traz em seu ser, suas marcas, vivências e suas memórias.

3. Crítica biográfica fronteiriça

Enfim, precisamos aprender a desaprender a pensar teoricamente a partir do lócus no qual nos encontramos, posto que nosso corpo encontra-se situado a partir daí, bem como nosso pensamento. Nosso corpo também faz parte da epistemologia da qual nos valem para pensar e nos pensar. O *bios* se inscreve nesse lócus enunciativo por meio de um discurso histórico que antecede a tudo. Precisamos a aprender a falar do *bios* e do corpo; afinal uma pesquisa tem alma.
(NOLASCO, 2018, p.19).

A teorização/prática teórica intitulada Crítica Biográfica Fronteiriça foi cunhada pelo intelectual Edgar Nolasco, partir deste lócus fronteiriço que se configura como periferia de um país periférico deste “lugar onde o sol se põe” (Nolasco, 2014) sendo profícuo para “avançarmos no entendimento sobre a crítica biográfica fronteiriça a compreensão da confluência da pós-colonialidade com a crítica biográfica” (MEDEIROS; NOLASCO, 2017, p. 2), onde está reflexão se impele para evidenciar “[...] uma prática outra que está sendo posta em execução, por meio da reflexão de “base pós-colonial, ou pós-ocidental, ou simplesmente fronteiriça, como prefiro.” (NOLASCO, 2018, p.11.) No lócus que atravessa este discurso e teorizações, não só por ser o local onde é erigido, mas também pelo que agrega e traz como influência cultural, sua paisagem é o cenário a qual o teórico pertence além dos próprios saberes locais e tradicionais.

[...] me valia mais da rubrica pós-colonial ou pós-ocidental como forma de atender melhor aos postulados teóricos [...] não abri mão de tais teorias, muito pelo contrário. Mas entendo, agora, que elas se voltavam muito mais para uma América Latina como um todo e que, ao seu modo, continua a excluir o Brasil ou, quando não, este vinha meio a reboque. Na tentativa de resolver em parte isso que me incomodava, fechei um pouco mais o recorte epistemológico e, em contrapartida, como ganho teórico na discussão que proponho agora, aproximei-me mais do meu bios e do meu lócus, posto que a fronteira-sul daqui de onde penso é tão real quanto epistemológica. (NOLASCO. 2014, p. 47).

Os estudos pós-coloniais grosso modo visam a superação do olhar colonialista (imperialista) que se impõe como superiores e únicas detentores de conhecimento, sendo legado aqueles que teorizam a partir das colônias, ou seja de fora do centro hegemônico, reproduzir e seguir as teorizações destes centros, e aí se assenta o pensamento moderno, cartesiano. Para galgar uma reflexão que valoriza aquilo que emerge da própria colônia, ou da periferia, seja suas “histórias locais” (MIGNOLO, 2003), suas práticas, hábitos e culturas próprias. Neste aspecto é oportuno inserir o intelectual Silviano Santiago, que por meio de sua escrita ensaística conflui ficção e crítica, comprovando o que afirma a crítica Eneida de Souza quando diz que: “O gesto de teorizar alimenta-se de outros, como o de ficcionalizar, vivenciar e metaforizar.” (SOUZA, 2016, p. 218), cabendo aqui ressaltar o que Eneida de Souza apresenta sobre crítica biográfica:

A crítica biográfica não pretende reduzir a obra à experiência do autor, nem demonstrar ser a ficção produto de sua vivência pessoal e intransferível. As relações teórico-ficcionais entre obra e vida resultam no desejo de melhor entender e demonstrar o nível de leitura do crítico, ao

ampliar o polo literário para o biográfico e daí para o alegórico. (SOUZA, 2011, p. 21).

Portanto, Silviano Santiago cumpre seu papel como um intelectual feroz e também transgressor sendo que, por conta de sua prática ficcional, se inscreve (inscreve seu corpo e sua voz) em suas narrativas biográficas da memória. (NOLASCO, 2018, p.84). Sua prática voltada para sua língua da visibilidade a sua cultura natal, pensar, produzir e discutir os engodos desses lócus geohistórico e epistemológico a partir desse lugar (MIGNOLO, 2003).

O modo como Silviano dialoga com a tradição e, especificamente, o lugar onde ele engasta seu lócus diferencial de enunciação permitem e dão a ele o direito epistêmico de construir e propor uma forma fronteiriça de pensar que vai na contracorrente do modo hegemônico de pensar dentro da tradição literária brasileira. (NOLASCO, 2019, p. 87-88).

A fronteira-sul se mostra viva, pulsante e em constante produção intelectual originando epistemologias próprias a fim de não (re)produzir teorias exportadas dos centros para as bordas. Quando olhamos para a própria realidade latino-americana, ou até mesmo olhando a nossa realidade nacional, fica caracterizado também a existência de centros hegemônicos que reproduzem exclusões e divide em centros e periferias. Estando a região de onde pensamos e teorizamos relegada a periferia brasileira, na fronteira sul com Bolívia e Paraguai, deste local periférico e fronteiriço devemos a esteira das teorizações de Nolasco e Mignolo apreendermos e replicarmos em nosso fazer acadêmico, a consciência descolonial e a desobediência epistêmica, como conceitos basilares pois mesmo com os avanços dos estudos pós coloniais ainda é notório o fato de que o discurso moderno ainda impera em boa parte da academia, contudo, professores como Nolasco, “a partir da sua opção descolonial se firmam enquanto sujeitos produzindo e ensinando a partir da fronteira.” (MEDEIROS; NOLASCO, 2017, p. 17). Esta reflexão se insere como preponderante e nos impele a também nos inserirmos nessa prática com nosso *biolócus* (Bios+Lócus), de forma que nossa pesquisa emerja da fronteira. Pois ao entrarmos em contato com os estudos crítico biográfico fronteiriços fica notório a necessidade de avançarmos nos estudos desta temática que se abre como um campo aberto e profícuo. Especialmente quando lembramos que seguimos também por essas trilhas, ou poderíamos ousar dizer: por esses “trieiros”.

Referências

BELLEI, Sérgio Prado. Em Liberdade de Gracil(v)iano: O Triunfo da Ficção. Minas Gerais, Belo Horizonte, 20fev. 1982 Suplemento Literário, p. 4.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 172.

LOPES, Denilson. Do entre-lugar ao transcultural. In: LOPES, Denilson. **No coração do mundo**: paisagens transculturais. Rio de Janeiro: Rocco, 2012. p. 21-46.

MEDEIROS, Pedro H.A.; NOLASCO, Edgar César. Uma teorização fronteriza: descolonizações epistêmico-biográficas. **RELACult** – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V. 03, ed. especial, dez., 2017, artigo nº 504.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/Projetos globais**. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos Escritos**. Graciliano Ramos e Silviano Santiago. 2ª ed. São Paulo: EDUSP; 2009

NOLASCO, Edgar César. Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas In: **Cadernos de Estudos Culturais**: Tendências Artísticas do Século XXI Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725/5545>. Acesso em: 17 ago. 2019.

_____. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia). In: **Cadernos de Estudos Culturais**: Brasil\Paraguai\Bolívia. Campo Grande_MS: Editora UFMS, v.7, n.14, jul.\dez. 2015. P. 47-63.

_____. Habitar a exterioridade da fronteira-sul. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7771>. Acesso em: 16 ago. 2019.

_____. **Perto do coração selbaje da crítica fronteriza**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

_____. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe: entrelugares epistemológicos ao sul da fronteira-sul. In: **Cadernos de Estudos Culturais**: Silviano Santiago: uma homenagem. Campo Grande_MS: Editora UFMS, v.6, n.11, jan.\jun. 2014. P. 17-29.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**: uma ficção de Silviano Santiago. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. Entrevista com Silviano Santiago. Disponível em: www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/32. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

_____. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos - 2ªED**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. O feroz inquieto. Entrevista a LESSA, Carina. Disponível em: <http://rascunho.com.br/o-feroz-inquieto/>. Acesso em: 18 de ago. de 2019.

_____. Silviano, o equilibrista. Entrevista por José Castello. In: **Revista Olympio: literatura e arte**. Belo Horizonte, maio de 2018, n.1. p. 37-43.

SOUZA, Eneida Maria de. **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 261.

_____. Teorizar é metaforizar. In: CECHINEL, André (org.). **O lugar da teoria literária**. Criciúma: Ediunesc, 2016. p. 217-224.